

JORNAL: *Correio da Manhã* LOCAL: *Guamabara*

DATA: *07/10/1970* AUTOR: *Jayme Maurício*

TÍTULO: *O bosque e as folhas do dicionário de Pontual.*

ASSUNTO: *Fotografia do trabalho de Ivan que se encontra no Dicionário de Pontual.*

ANEXO

CORREIO DA MANHÃ — Rio de Janeiro, 4.ª feira, 7 de janeiro de 1970

3

Jayme
Maurício

O bosque e as folhas do dicionário de Pontual

O bosque é de fazer história. É provável que se transforme num Bois de Boulogne, ou para falar em termos mais nacionalistas, conforme tanto convém ao caso, num Parque do Atterro — que não é bem um bosque — ou num Parque Lage — que talvez não seja suficientemente extenso. Como em todo bosque, muita folha seca e cal depressa; algumas parecem até mesmo mero lixo. Outras, são apenas sugeridas por tímidos botões que não dão a idéia do que a folha realmente é, em sua plena pujança e desenvolvimento.

Ao se comentar o Dicionário das Artes Plásticas no Brasil, de Roberto Pontual, que a Ci-

vilização Brasileira acaba de lançar, a figura do bosque e das folhas, que Antônio Houaiss emprega na apresentação que escreveu para o trabalho, torna-se quase obsessiva. O valor do bosque que Roberto Pontual plantou é de fato grande, e, em contraste, o valor de diversos dos verbetes individuais — das folhas — que ali figuram ficam tão aquém das expectativas ou, ao contrário, definem-se de modo tão pouco significativo, que nada parece mais apto para caracterizar a atitude do crítico diante da obra — nada melhor para proteger, não propriamente a obra, mas o julgamento crítico — que a trouvaille de Antônio Houaiss.

Adoto, pois, esta trouvaille, mas nem por isto esqueço do fato de que em última análise um dicionário deve ser encarado mais como uma coleção de folhas do que como um bosque. Ninguém costuma ler um dicionário para ter uma idéia de conjunto de uma língua ou de um assunto no qual o dicionário especializou-se. Existem outros gêneros de obra com esta finalidade. Quem consulta um dicionário em geral deseja ter informação precisa e pertinente a respeito de exatamente cada tópico consultado.

Houaiss fala, já na apresentação do dicionário, em edições futuras e melhoradas. E o pró-

prio Pontual, numa atitude de louvável humildade face ao vulto excepcional de seu empenhamento, afirma em sua introdução, que ao chegar ao fim em seu projeto é apenas começar. Refere-se a seu trabalho como a uma aventura, e sugere assim um outro símile para ele, talvez mais apropriado ainda que o obsessivo símile de Houaiss: o do desbravamento. Eis, pois, Pontual transformado em bandeirante deste país tropical (o articulista também já o foi, há vários anos). Seu trabalho é um convite; e, mais que isto, um desafio. Numa tropicalidade sem scholarship — às vezes infelizmente, às vezes muito felizmente — realiza ato de incrível bravura e peito. Arregaça as mangas com disposição; e nunca usa a picareta. Apenas o volume do volume do dicionário já é digno de admiração. O simples folhear já causa espanto. Pontual adicionou a seu levantamento listas vultosas de colaboradores e de pessoas que devem ter ajudado, de um modo ou de outro o desenvolvimento de seu pro-

to, que valor pode ter para o consultante médio, ou mesmo para a grande maioria dos consultantes excepcionais, de seu dicionário, saber que a sra. Célia Vaccani ocupa, no momento, a vice-diretoria da Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Numa edição mensal de who is who administrativo esta informação seria pertinente. Jamais num Dicionário das Artes Plásticas. Detalhes como este dão ao desbravador um certo ar de burocrata que não lhe vai bem. Por muito que o articulista preze e admire a classe jornalística, ca qual honra-se de fazer parte, parece-lhe, entretanto, que o simples nome da ilustre jornalista que entrevistou um gráfico para o Jornal do Brasil — já quase duas décadas após a consagração do artista — não acrescenta coisa alguma de interessante a respeito de sua atividade ou personalidade — coisa alguma, tampouco a respeito de sua obra e de sua posição no contexto das artes plásticas. Teria sido preferível empregar o espaço

quão fabulosas e consagradoras sejam as crônicas de Rubem. O que o redator disse de Ligia Clark num eventual catálogo para a Bienal de Veneza é menos importante do que escreveu em outros jornais e revistas e o sentido mesmo da obra de Ligia. As omissões de dados importantes são também frequentes nos verbetes. Em meu caso, por exemplo, consideramos grave a omissão do trabalho que desenvolvemos desde 1951 junto ao Museu de Arte Moderna do Rio, razão de mais de 15 anos de trabalho diário na imprensa, e do qual somos conselheiros. Também não há a mais leve referência ao fato de termos sido o primeiro diretor de um pavilhão brasileiro — primeiro e único — na Trienal de Milão, projeto fabuloso de Lúcio Costa, uma tentativa, mais uma, de abertura em favor da arquitetura brasileira. Vários verbetes oferecem nosso curriculum a Pontual que respondeu ter tido a nosso respeito. Não tinha, pois não cremos que ele desconheça a importância da atuação de um crítico junto a

A própria seleção dos nomes não parece ter seguido critérios muito justos. Pontual deve ter pecado por excesso de neutralidade que resultou num derrame de nomes de pouca significação. O exame até agora feito da vasta obra não revelou ainda muitas omissões; este não deve ter sido um ponto fraco na concretização do dicionário. Carlos Flexa Ribeiro, por exemplo, lá não figura. E, no entanto, além dos livros, das teses — uma das quais enfrentou Pedrosa —, do trabalho de cátedra, da construção do Museu de Arte Moderna do Rio, júri de Bienais e várias outras atividades, inclusive a dos catálogos, que merecem de Pontual grande significado, fariam de Carlos Flexa Ribeiro um nome dos mais expressivos para o dicionário, em pé de igualdade com seu pai, José Flexa Ribeiro. Nolasco, outro exemplo, um desenhista de valor, também não figura no trabalho. As omissões graves são relativas também a quem a arte no Brasil muito deve. Se Marzotto Sobrinho, Raimundo Castro Maia, Olívia Penteadó, por exemplo, muito justamente encontram seus nomes entre os verbetes, porque então a ausência de Yolanda Penteadó, responsável direta ou indireta, quase exclusiva ou não, por tantas providências da maior significação para o progresso das artes plásticas através do Museu de Arte Moderna de São Paulo, Bienal de São Paulo, Museu Regional e Museu Chateaubriand, Adolpho Bloch com seu trabalho de divulgador e colecionador deveria também ter sido incluído. A lista das omissões ainda não foi devidamente examinada, repetimos. E surgirão outros nomes que num trabalho de tamanha vastidão e tolerância teriam forçosamente um lugar, um verbete ainda que pequeno.

Certas imprecisões de redação são incômodas. No verbete de Carlos Scliar, por exemplo, diz-se que há obra de sua autoria no Museu de Arte Moderna do Rio e Nova York — como se os dois museus fossem duas dependências de uma só General Motors ou coisa que o valha. Na verdade, não se justifica redação explícita e, dentro de certos limites, variável para cada artista, com a finalidade de se especificar onde encontram-se obras suas. Uma simples convenção gráfica para o caso seria ao mesmo tempo mais precisa, elegante e economizaria espaço.

Quando um nome dicionarizado não é de pessoa cuja

atividade central desenvolve-se no âmbito das artes plásticas, no sentido a elas dado pelo autor, não há razão para um resumo biográfico cobrindo com certo detalhe as atividades fora do âmbito enfocado. O consultante encontra, por exemplo, no dicionário de Roberto Pontual, informes razoáveis a respeito das múltiplas atividades de Lúcio Costa, num verbete a ele dedicado, talvez devido à sua atuação na antiga Escola de Belas-Artes; mas em vão procurará o verbete de Oscar Niemeyer. O arquiteto Lúcio Costa está representado. O arquiteto Oscar Niemeyer, não. Em última análise, o que Niemeyer realizou como criação artística no reino que Pontual compreende como o das artes plásticas não é inferior ao que o grande Lúcio Costa fez quando nas Belas-Artes. Até mesmo fora dessas Belas-Artes, Lúcio Costa fez muito mais pela escultura e pela pintura, se queremos ficar nessas duas técnicas convencionais. Aliás, a ausência da arquitetura no dicionário de Pontual define uma questão delicada. Talvez seja defensável para alguns o ponto de vista que exclui arquitetura das "artes plásticas", embora a história e fatores transcendentais que já fatigam de tanta repetição, mas o ponto de vista oposto, para ser cordial, tem também a seu favor argumentos muito fortes, principalmente em nosso País, tão carente, onde a arquitetura assumiu importância de tal modo excepcional, inigualada talvez pela de qualquer outro setor de nossa vida cultural. É uma longa história que envolve quase toda a história da moderna crítica de arte do País, ansiosa por libertar-se, em dit, de técnicas convencionais, sem sentir a técnica que está mais "na cara", antes das importações.

De qualquer forma, o caso da ausência da arquitetura não se reduz ao do exame das folhas ao invés do exame do bosque. Na melhor das hipóteses, deve ser referido à intenção de liberdade, por parte do autor, de permanecer no bosque, sem penetrar na floresta. Esta decisão é compreensível e respeitável; mas seu problema não deveria ter sido omitido da introdução que Pontual escreveu.

Chega, porém, de rabujice, para um trabalho jovem e ambicioso.

Saudemos de novo o bosque promissor, o processo de desbravamento, o começo da obra sem fim.

IVAN SERPA



BEGINA VATER



to. Entretanto, pelo que se sabe, trabalhou muito mais sozinho do que em geral acontece com autores de empreendimento do gênero. Tentou transformar-se em toda uma equipe — determinação que mais uma vez causa admiração, mas que, é óbvio, não pode deixar de ter seus lados negativos também.

Passemos então às folhas do bosque, que serão selecionadas mais ou menos ao acaso, mas encaradas, quer individualmente, ou em seus característicos em conjunto, com a devida rabujice.

Diga-me, por favor e por exemplo, o caro Roberto Pon-

gráfico concedido ao artista com outros informes a respeito de sua carreira. O caso é o mesmo em relação a inúmeros outros, como Sansão Castelo Branco, que Pontual diz ter sido focalizado pelo meu colega Harry Lais na coluna de Skene, no CORREIO DA MANHÃ (o curioso é que Skene foi pseudônimo do articulista naquele tempo). A importância de Sansão como precursor até do tachismo poderia ter sido melhor "informada". Mais valia, também, uma citação mais justa do trabalho de Athos Bulcão em Brasília que a simples referência a uma crônica escrita sobre ele, há quinze anos, pelo fabuloso Rubem Braga — não importa

um Museu em construção e a própria Trienal de Milão.

De um modo geral, as influências marcantes sobre a formação dos artistas foram também omitidas. Um levantamento preciso a respeito seria tarefa para décadas de trabalho, mas ainda assim Pontual poderia ter feito algo mais a respeito. Parecem também duvidosa a atitude de citações sistemáticas de críticos ou intelectuais e literatos, a respeito dos artistas, com a omissão de pontos de vista do autor. Como ele também faz crítica, acaba-se citando na terceira pessoa, de modo algo estranho,

GRASSMAN

